

O princípio de Borromeo e o ecossistema linguístico triádico

Borromeo's principle and the ecosystemic linguistics' triad

*Genis Frederico Schmaltz Neto**

** Universidade de Brasília/NELIM*

Resumo: Este texto tem por objetivo discutir a representação visual adotada por Couto (2007) para se referir ao ecossistema linguístico da Linguística Ecológica. Partindo de asserções matemáticas a respeito da formação do triângulo, bem como da explanação de alternativas gráficas que recorrem tanto a técnicas 3D quanto a variações basilares, constata-se que a tríade P-L-T não é contemplada em sua complexidade por meio do uso triangular corrente por Couto em seus manuais. Recorre-se, portanto, ao princípio de Borromeo disseminado por Lacan (1972) para propor a representação visual ecossistêmica por meio do entrelaçamento de nós que separados esfacelam-se, porém, quando juntos, evidenciam a relação interdinâmica e dinamizadora dos elementos de uma teoria que prioriza a concepção do todo em detrimento de uma estrutura fixa.

Palavras-chave: Ecossistema. Tríade. Princípio de Borromeo.

Abstract: The objective of this text is discussing the visual representation seen in Couto (2007) to refer to the linguistic ecosystem of Ecosystemic Linguistics. Departing from these mathematical claims in regard to the formation of the triangle, as well as from the presentation of graphic alternatives that avail themselves of 3D and baseline variations, we see that the triad P-T-L present in Couto's publications is not contemplated in the complex triangular chain. Therefore we recur to Borromeo's principle disseminated by Lacan (1972) in order to propose an ecosystemic visual representation by means of the interlocking of nodes that, if separated, are undone. However, if they are kept together and interlocked they can be a metaphor for a theory that emphasizes a dynamic and dynamizing whole instead of a static structure.

Keywords: Ecosystem. Triad. Borromeo's principle.

Muito se insiste que nas construções metodológicas suscitadas pelo paradigma ecológico, as categorias de análise visem à integração, isto é, um olhar multicompreensivo e/ou não bifurcado sobre dado objeto, o lugar de onde se o recortou e, sobretudo, as influências que as partes que se deixaram recortar poderiam influenciar na leitura desse mesmo objeto.

A existência de uma postura que abomina a compreensão por meio da parte para dar lugar a uma *dinâmica do todo* (CAPRA, 1992, p. 26) pode ser bem vista no arcabouço ecolinguístico proposto por Couto: ao tomar uma língua, tem-se um ecossistema. Logo, a existência de uma língua (L) pressupõe um povo (P) que a tenha formado e que a use, bem como de um lugar ou território (T) onde se encontram.

Cada um desses elementos poderia ser estudado de maneira isolada, em casos excepcionais, a exemplo da língua dos ciganos (que não possuem um Território) ou a Libras (não há um Território ou Povo autônomo), mas todos estão inter-relacionados. Não apenas inter-relacionados, mas interdependentes. Trata-se de um olhar sobre a língua que ultrapassa as noções de “contexto” da linguística textual e encontra-se além dos conceitos de “formação discursiva” da análise do discurso.

Antes, um olhar holístico que enxerga na língua a interação. Que define a língua não *como* interação, mas sendo a própria interação (COUTO, 2013, p. 292). Portanto, mais do que considerar a existência de outros elementos para a compreensão das manifestações linguísticas, seria compreender que a parte observada na análise é meramente um nó numa teia inseparável de relações.

Alguém poderia argumentar que a rede teria um “centro” e uma “periferia”, como a rede de pescar, a de uma grade, de uma peneira etc. Para evitar isso, imaginemos nossa rede com forma esférica. Nesse caso, qualquer ponto em que nos fixarmos estará em relação com todos os demais, direta ou indiretamente, imediata ou mediata. Além disso, é importante ter em mente que essa rede é dinâmica, é um processo, não está fechada de modo estanque, mas aberta, recebendo influências do exterior e influenciando-o (COUTO, 2013b).

Para expor essa teia de maneira visual, a opção por um polígono triangular parece ter surgido naturalmente para o pai da Ecolinguística no Brasil. Afinal, seu uso é corrente em meio às ciências. Platão, por exemplo, fundamentou o princípio da harmonia da matéria por meio da concepção de triângulos combinados, enquanto Peirce, preocupado com a

relação entre representação, símbolo e objeto, também concebeu uma tríade, sustentando suas reflexões em torno do princípio ternário (HERDY, 2009, p. 92).

No entanto, ao visitar os escritos do matemático grego Euclides, verifica-se que a definição de polígono se resume a *uma figura limitada por linhas retas*. Isso significa que num trilátero, por exemplo, apenas se consideram os lados da figura e não a porção do plano. As retas que o formam concorrem entre si, fazendo com que sempre se priorize um ângulo em detrimento do outro. Essas afirmações instauram um problema: mesmo que se considere o triângulo equilátero, escaleno ou isósceles, o que veremos se resumirá apenas a *uma* dimensão. Em outras palavras, a representação triangular não seria suficientemente satisfatória para a identidade teórico visual da ecolinguística e do paradigma ecológico (ver Figura 01).

Apesar de cada reta ser nomeada segundo a legenda de seu elemento (P-L-T), o costume ocidental pode sugerir terrivelmente uma relação hierárquica entre todos eles. Na verdade, o próprio ecolinguista (COUTO, 2013c) já afirmara que a escolha triangular é uma metáfora, embora a escola brasileira de ecolinguística não tenha o hábito de recorrer a figuras de linguagem para seus estudos. Sua finalidade estaria em demonstrar os três elementos de modo que no percurso da análise se perceba que um botão “desabrocha em flor; esta, por seu turno, dará lugar a uma fruta, com semente. A semente dará lugar a um ser exatamente igual àquele que a produziu. E assim ciclicamente, como tudo na natureza” (2014¹).

Talvez alguém também possa recorrer aos manuais de matemática para arguir que “o perímetro de um triângulo é a soma das medidas dos seus lados”, justificando a figura geométrica como evidente prova de que o Povo a Língua e o Território juntos compõem o objeto final. No entanto, enfatizo mais uma vez, a materialização teórico-metodológica perde sua força se lembrarmos do princípio do todo, da rede. Não haveria vantagem em recorrer a uma metáfora.

Couto (2013c) chegou a propor a figura piramidal para contemplar os três lados, de maneira que a base da pirâmide se tratasse do ecossistema integral² da língua. No entanto, a relação hierárquica nessa aplicação talvez apareça de maneira mais brusca: o paradigma ecológico não permite acepções teóricas de maneira “basilar” e a imagem representada deveria sugerir ao pesquisador a flexibilidade da rede, de modo que falar em ecossistema mental ou natural, por exemplo, não equivalha a ter que afirmá-los como categorias intermediadas pelo social e vice-versa (ver Figura 02).

¹ Couto, H. H. *Nó borromeano* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por hiho@unb.br em 16 de setembro de 2014

² Anteriormente chamado de ecossistema *fundamental*, fora atualizado por Couto em 04 de outubro de 2014, em seu blog dedicado a Ecolinguística, devido à natureza reificadora do termo.

As reclamações não cessam porque o modelo de se fazer ciência ecolinguística abomina um construto estrutural estanque e ocidentalmente estigmatizado. Não que métodos e caminhos não existam, mas a visão de mundo ecológica descarta a valorização excessiva de um fluxo de mecanismos estático. Seguindo por essas reflexões, a possibilidade de recorrer aos recursos tridimensionais existentes surge para amenizar o problema, como o redesenho 3D sobre o polígono. Trata-se de uma técnica que aplica sobre a figura o efeito ou impressão de que há reciprocidade entre lados.

Ledo engano! Deixa-se a monovisão, mas agora são duas as dimensões vistas. O que se continua prevalecendo, no entanto, é a perspectiva, não a plurivocidade. O paradigma ecológico não prescinde de uma estrutura cartesiana e a impressão hierárquica ainda subexiste no modelo de três dimensões enquanto o vislumbre de um dos lados do triângulo ecolinguístico permanece fora do alcance visual.

Ora, não importa quantos panoramas nós vamos encontrar nos triângulos durante as aplicações dos efeitos de sombra e rotação, culminaremos em uma imagem cujo objetivo de ser uma identidade teórica é pouco holístico (ver Figura 03).

Novamente, não se trata de exaurir métodos de análise ou estruturas de compreensão científica, mas demonstrar que o enfoque feito dentro das interconexões na rede linguística é um enfoque. Ainda, que este enfoque representa um conjunto de estruturas subjacentes e não absolutas, que torna a ciência uma prática de reflexão sobre a experiência do pesquisador com um objeto (CAPRA, 1992, p. 30), a escolha do linguista sobre dados aspectos da língua. Essa reflexão está bem ilustrada pelo filósofo e matemático Gottlob Frege (1977):

Alguém observa a lua através de um telescópio. Eu comparo a própria lua à referência; ela é o objeto da observação, mediado pela imagem real projetada pela lente no interior do telescópio, e pela imagem na retina do observador. Comparo a primeira ao sentido, a segunda é como a ideia ou a experiência. A imagem ótica no telescópio é de fato unilateral e depende do ponto de vista do observador; mas ainda é objetiva, já que o telescópio pode ser usado por vários observadores [...]. Com respeito às diversas formas das imagens nas retinas dos observadores, nem mesmo uma congruência geométrica seria facilmente atingível, e uma coincidência perfeita estaria fora de questão [...]. Dessa forma talvez pudéssemos demonstrar como uma ideia pode ser tomada em si mesma como um objeto, mas como tal ela não é, para o observador, o que é diretamente para a pessoa que tem a ideia. (Tradução de L. M. Rimoli).

Percebe-se, a passos lentos, que a representação da tríade ecolinguística e a suposta crise visual aqui exposta estão mais ligadas ao domínio da subjetividade do que às tentativas de materialidade simétrica da teoria. O que se discute é a possibilidade de dispensar um polígono triangular como metáfora ecolinguística em detrimento de uma opção outra que, de fato, sistematize imagetivamente os percursos metodológicos da ecolinguística.

Para tanto, recorrer a uma terceira opção fórmica existente poderia amenizar as problemáticas que apareceram. Aliás, não se resume a uma forma, mas a um princípio; este, aplicável a quaisquer formas geométricas. Trazido às ciências pelo matemático Peter Tait em 1876 e depois disseminado por Lacan em 1972, trata-se do *princípio de Borromeu* ou, como é popularmente conhecido, *nó borromeano*.

O nome, proveniente do brasão pertencente a uma família aristocrata de mercadores do norte italiano, tornou-se conhecido depois que o psicanalista, após um jantar na casa Borromeu, transpôs o visto para representar a estrutura interdependente do sujeito na psicanálise (o real, simbólico e imaginário). Apesar da propagação da narrativa, vários são os registros do uso dessa imagem em torno do mundo.

Pode-se encontrar o nó no Palácio de Fontainebleau, projetado pelo arquiteto Philibert de l'Orme, baseado em um emblema de Diane de Poitiers (1499-1566), a amante do rei Henrique II da França. Também em manuscritos franceses na catedral de Chartres no século XIII e numa coluna dentro do navio norueguês Oseberg 834, naufragado. Da mesma forma, em um santuário Shinto japonês norte de Sakurai, na província de Nara e nas esculturas do artista australiano John Robinson (ver Figura 04).

Os registros mais antigos estão localizados em Gotland, na Suécia, em ruínas, nas pedras de Tängelgård e de Lärbro, datadas do século VII, sobre o nome de *valknut*, também encontrado na Escandinávia. O nome, característico da mitologia nórdica (DAVIDSON, 1990), chama atenção por significar *nó da morte* ou por geralmente ser traduzido como “nó dos enforcados”, representando os mistérios do entrelaçamento dos aspectos da vida e a maneira como o Homem se encontra no meio disso.

Ora, o entrelaçamento é o que torna o princípio de Borromeu e a transposição para o modelo ecolinguístico mais interessantes: se cada um dos constituintes for retirado, todos serão livres sem que se forme um par, porém todos se esfacelarão. Mesmo que cada parte possa ser vista de maneira autônoma, o nó se forma apenas pela amarração do terceiro, que enlaça todas num único laço.

Dessa maneira, apesar de cada um dos constituintes se estabelecerem de modo diferente, esses mesmos constituintes, ao fim da construção do entrelaçamento, se autoanulam caso sejam vistos como impermutáveis (RABINOVICH, 2005). Mesmo que,

matematicamente falando, trate-se de um “arranjo simétrico de três círculos secantes que pode ser entrelaçado³”, mantém-se fiel a escolha do polígono feita por Couto e adiciona-se o princípio borromeano.

A tríade ecolinguística passa a poder ser observada, a partir de então, em sua completude: não mais uma perspectiva ou limitação angular; antes, interdependência, inter-relação e, sobretudo, integração. Rompe-se com o elemento geométrico original caso uma de suas partes seja retirada da mesma maneira que se rompem os postulados de Couto caso o enfoque de análise não leve em conta os elementos do entorno. Esfacelam-se as noções ecossistêmicas caso sejam insuladas (ver Figura 05).

O paradigma ecológico vigora a partir do momento em que os estudos sociais, mentais e linguísticos de modo geral vistos como ciências autônomas se amarraram – sobretudo via ecossistema linguístico em que não pode faltar P, nem T e muito menos L, apresentando-se a língua como o possível nó. Teremos reforçado a visão sistêmica e multicompreensiva de Mundo e da língua equiparando as três ordens (Povo – Língua – Território), em que cada uma delas tem a mesma importância que as demais.

O princípio de Borromeu na tríade ecolinguística permite, visualmente, que o ecolinguista contemple a visão ecológica de mundo, compreendendo que o enfoque é apenas um enfoque no meio da diversidade de elementos de análise e perceba a noção de estrutura como subjacente a tudo que é estudado. Seja legendando-o segundo o ecossistema integral da língua ou nomeando os meio-ambientes social, mental e natural, a dinâmica e dinamicidade da Vida se mostra mais evidente (ver Figura 06).

Referências

COUTO, H. H. *Ecolinguística: estudos das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, n. 1 (2013).

_____. *A língua não é uma coisa, é motraive*. Postagem de 23 de julho de 2013b. Disponível em: <<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/>>.

³ Pensando em duas opções de cruzamento entre os círculos, pode-se conseguir até sessenta e quatro possíveis padrões de entrelaçado. Depois de levados em conta a simetria mais o ângulo, os padrões se reduzem para apenas dez, visando a distinção geométrica.

_____. *A árvore da linguagem*. Fórum de discussões de linguística ecossistêmica. 2013c. Disponível em: <<https://groups.google.com/forum/?hl=pt-BR#!forum/linguistica-ecossistemica>>.

DAVIDSON, H. R. E. *Gods and Myths of Northern Europe*. Penguin Books, 1990.

FREGE, G. On Sense and Reference. In: Geach, Peter; Black, Max. *Translations from the Philosophical Works of Gottlob Frege*. Oxford: Basil Blackwell, 1977, p. 60.

HERDY, R. A tríade normativa de C. S. Peirce. In: *Cognitio-estudos: revista eletrônica de filosofia*. São Paulo, v. 06, n. 2, p. 82-95, julho-dezembro 2009.

RABINOVICH, D. *A angústia e o desejo do Outro*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2005.

GENIS FREDERICO SCHMALTZ NETO

Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília (Bolsista CNPq). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), possui graduação em Letras pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Estudos em Ecolinguística e Imaginário (NELIM). E-mail: gfschmalz@gmail.com.

ANEXO – Figuras

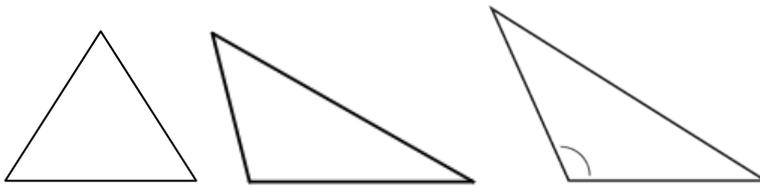


Figura 01. Na sequência: triângulo equilátero, triângulo escaleno e triângulo obtusângulo.

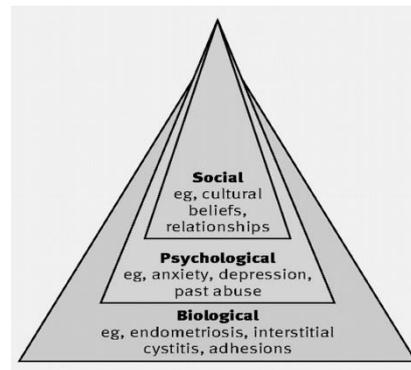
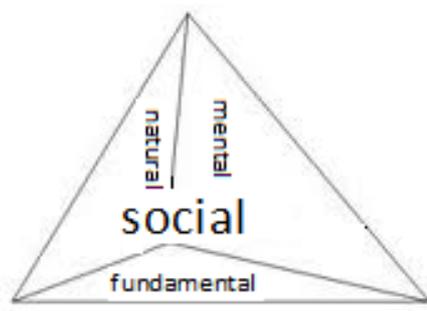


Figura 02. Proposta piramidal. Disponível em <http://ilmukesehatan.net/>.

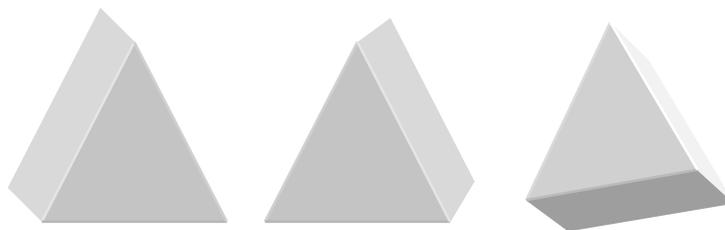


Figura 03. Três possibilidades de dinamicidade poligonal.



Figura 04. Na ordem, 1) Brasão de Borromeu; 2) apropriação do princípio de Borromeu por Lacan; 3) Um exemplo de valknut ou walknot.

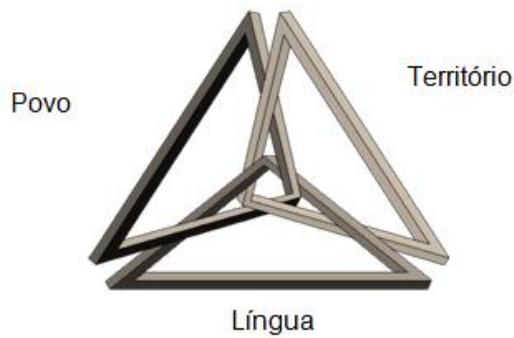


Figura 05. Proposta de triângulo borromeano para compreensão da tríade ecolinguística

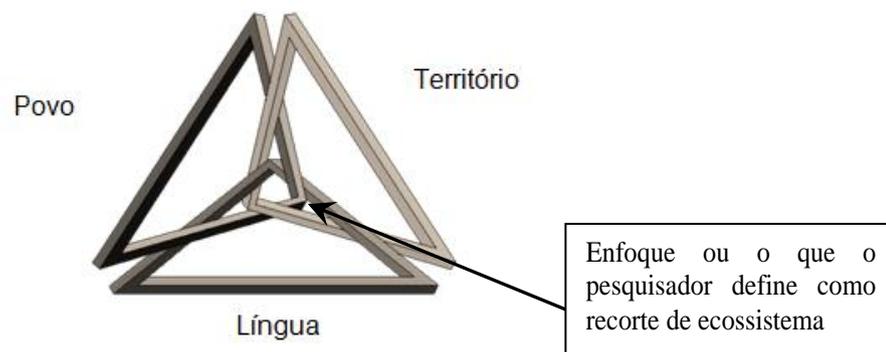


Figura 06. Tríade ecolinguística e o lugar onde o pesquisador vê, aos modos de um binóculo.